

12 ABR

O futuro está nas ruas

ABR 1988

João Rodolfo do Prado

OS garotos estão nas ruas e nos meios de comunicação, gritando contra os preços das mensalidades escolares e esfregando nas fuças de todo mundo o descrédito de nosso sistema político formal. Os mais velhos pensam logo nos últimos anos da década de 60, quando os sonhos ainda não tinham acabado. Os garotos podem ter ouvido falar, mas a questão, para eles, é nova, atual — é deles, enfim.

É fascinante a movimentação, mesmo se politicamente arriscada, nesses tempos de terra de ninguém e ameaças de golpe militar. Os garotos e garotas estão em movimento, irresistíveis na limpidez em que se consideram justos. E nem há como, nem ninguém, em condições de adverti-los de que nada lhes dá o direito de pular as roletas do metrô, para que toda a sociedade pague por um transporte sem ter sido ouvida antes.

Até aí, tudo bem. Toda sociedade precisa encontrar os meios de aturar a rebeldia dos jovens, que precisam treinar músculos e almas para a tarefa de, um dia, assumir o comando dessa mesma sociedade. Então há toda uma

simpatia por essa elite juvenil que exerce sua rebeldia e investe contra seus inimigos. É assim que a elite se prepara, basta atentar para os currículos dos principais políticos de todos os países do mundo.

Só que o mundo tem lá suas maldades e a roda da política não gira nesses eixos tão idealizados. Logo nos inícios dos anos 80, quando a crise econômica mostrou os dentes e que não nos abandonaria tão cedo, foram divulgados estudos relacionando a crise estudantil da segunda metade dos anos 60 com o estrangulamento das perspectivas econômicas do Brasil. Não que faltasse politicização ou idealismo, mas havia um dado mais cru, aquela realidade que pega pela carne: você, meu jovem, não tem futuro.

A lembrança é inevitável. Do mesmo modo que o milagre dos anos 70 deu sustentação à brutal repressão política, na medida que abriu um futuro para a classe média, a atual politicização dos jovens sucede alguns anos de ideologia do sucesso, do descartável, do descompromisso social, do isolacionismo. Aquela história do pós-moderno, que teve como

um dos pilares a negação dos compromissos da História.

É verdade que tudo isso não passa de metáfora, que não dá para generalizar, nem pra engavetar o que está acontecendo em algum blá-blá-blá qualquer. Mas também não dá para fingir que não se percebe a repetição da falta de perspectiva econômica, da falta de caminhos para a expressão social. O alvo, no momento, são as mensalidades das escolas. Provavelmente por ser o alvo mais próximo dos garotos, como um dia foram os bondes.

Os garotos estão exercitando os músculos, começando a pensar a política de suas vidas, de sua sociedade, se preparando para assumi-la daqui a pouco. A questão, como sempre, está na dialética: quem serão seus interlocutores? Quem (e como) assumirá o dever de enfrentar a arrogância e a generosidade dos garotos, vivendo com eles os limites da democracia? Ou como Washington Novaes dizia outro dia a respeito de Hélio Pellegrino: quem vai realmente ouvi-los e permitir que aprendam a ouvir?

Os garotos estão nas ruas. Eles apostam no futuro.

JORNAL DO RIO